Manifesto do Cinema de Reciclagem

Vivemos a era da superprodução de imagens: nunca se filmou tanto! Bilhões de horas são produzidas todos os anos por celulares, câmeras, drones e sistemas de vigilância. A maior parte é consumida rapidamente e desaparece nos aterros sanitários da internet. Mesmo assim, continuamos produzindo mais, como se faltassem imagens.

O planeta já nos mostrou que o modelo de produzir, consumir e descartar é insustentável. Aprendemos a reciclar papel, vidro, plástico e metal. Talvez tenha chegado a hora de reciclar também as imagens. O Cinema de Reciclagem parte desta pergunta: por que produzir novas imagens quando tantas imagens ainda não foram devidamente exploradas?

Todo documentarista acumula um enorme arquivo de cenas que nunca chegam ao público, não porque lhes falte valor, mas porque todo filme é feito de escolhas. O Cinema de Reciclagem nasce da convicção de que o material descartado não é lixo, é matéria-prima. Reciclar uma imagem não é repeti-la, é transformá-la. É permitir que o tempo lhe dê um novo significado. Cada arquivo guarda histórias à espera de outro olhar. Nem todo filme exige uma nova filmagem, às vezes, exige apenas um novo olhar.

Existe também uma dimensão ecológica: filmar consome recursos. Deslocamentos, energia, equipamentos, armazenamento, servidores... num mundo que busca formas mais sustentáveis de existir, talvez o cinema também precise rever sua relação com o excesso.

O Cinema de Reciclagem é um convite para revermos nossa relação com o arquivo, com a memória e com o próprio ato de filmar. Talvez o cinema do futuro não dependa apenas das imagens que ainda faremos, mas, basicamente, com nossa capacidade de redescobrir aquelas que já existem, mas ainda não encontraram sua forma final.